

**Comissão de Defesa do Consumidor,
Direitos Humanos e Segurança Urbana –
CEDECONDH**



Alvoni
Medina



Adeli
Sell



Biga
Pereira



Cláudio
Conceição



Fernanda
Barth



Pedro
Ruas

036ª CEDECONDH 15OUT2024

Pauta: Vamos falar sobre idadismo.

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): (15h19min) Boa tarde a todos, é um prazer estar com vocês em mais uma reunião da Comissão de Defesa do Consumidor, Direitos Humanos e Segurança Urbana. Hoje o nosso tema foi trazido pelo nosso vice-presidente, Ver. Adeli Sell. Estão presentes o Ver. Adeli Sell, a Ver.^a Fernanda Barth e o Ver. Cláudio Conceição. Geralmente, quando o tema é de um outro vereador, deixamos ele presidir, para que ele possa chamar os convidados. Estão compondo a Mesa: a Sra. Elenara Stein Leitão e o Sr. Luiz Afonso Alencastre Escosteguy. Logo mais estará conosco a Zhélide Quevedo Hunter. Estaremos falando hoje sobre o tema do idadismo. Passo ao nosso vice-presidente para que conduza a nossa reunião. Sejam todos bem-vindos, que Deus abençoe.

(O Ver. Adeli Sell assume a presidência dos trabalhos.)

PRESIDENTE ADELI SELL (PT): Obrigado, Ver. Alvoni Medina. Quero agradecer aos vereadores Fernanda Barth e Cláudio Conceição pelas presenças. Vamos começar imediatamente, o tema é candente, os nossos convidados podem expor com tranquilidade. A nossa terceira convidada, a

Zhélide, deve estar chegando, ela recebeu o Título de Cidadã de Porto Alegre, que o Alvoni graciosamente ofereceu, eu tive o prazer de dividir a Mesa com ele, na semana passada, porque a Zhélide é uma figura icônica da nossa grande batalha em defesa da pessoa idosa, aos 84 anos, fazendo mestrado em Gerontologia, isso para nós é altamente gratificante. Os vereadores querem dar uma palavra inicial? Se não, vamos passar para os convidados. Então, vamos começar com as damas, com a Elenara Stein Leitão, que é arquiteta, junto com o Afonso, estão na criação do Movimento Sociedade Sem Idadismo. Eles vão explicar um pouco como surgiu essa ideia, enfim. Depois, eu vou entrar um pouco no debate também já que sou o proponente.

SRA. ELENARA STEIN LEITÃO: Boa tarde a todos, população civil que está aqui, Srs. Vereadores e Sra. Vereadora. Muito obrigada pelo convite, nós estamos muito honrados de estar expondo aqui, nesta comissão, toda essa ideia. Eu vou dar um breve panorama de como surgiu essa ideia. Eu sou arquiteta, faço parte de um coletivo chamado Metamorfose, onde vários profissionais se reuniram para se dedicarem a estudar o processo do envelhecimento. E o processo do envelhecimento, na verdade, não começa na idade legal, ele começa muito antes, e é necessário que a gente compreenda todas essas etapas e vá se preparando para elas. Eu vou parafrasear um grande estudioso da longevidade, que é o doutor Alexandre Kalash, que diz que o velho é o jovem que deu certo. Porque, na verdade, é um privilégio a gente envelhecer, principalmente no Brasil que é um país que está envelhecendo rapidamente e que não tem cuidado com carinho da sua população, principalmente da sua população mais carente. É nós estávamos elaborando um segundo volume do Metamorfose, quando aconteceram as enchentes, que impactaram a todos nós. E nós sentimos particularmente uma necessidade de nos debruçarmos em cima da questão do idoso, como eram feitos os resgates, como era feito o acolhimento e os depoimentos pessoais. Em cima desses depoimentos pessoais de cada um que teve uma atuação, seja participando de abrigos, seja cuidando de pessoas, nós tivemos a participação aqui do Luiz Afonso. O Luiz Afonso contribuiu com

um relato muito impactante sobre a experiência dele, e, em função disso, depois ele vai contar com mais detalhes, ele começou a se debruçar sobre a questão do idoso, chegando à conclusão que ele era um idoso que, na verdade, não entendia de idosos. Em função disso e desse estudo que ele aprofundou, ele veio com a proposta de se criar um movimento que tratasse do estudo do idadismo, e aí a gente vai explicar por que idadismo e não etarismo, como é mais constantemente falado, e nós encampamos essa ideia e surgiu esse movimento que se pretende um movimento de pessoas, não é um movimento ideológico, ele não é um movimento particularmente de pessoas idosas, é um movimento de pessoas. Porque o idadismo trata disso, ele trata de todas as idades. E é essa conclamação que a gente gostaria de fazer a todos, para que compreendessem a importância de se trabalhar e de se trabalhar em cima da desconstrução da ideia do que é um idoso, principalmente neste País. Então, eu vou passar a palavra para o Luiz Afonso, e ele vai explicar melhor como nasceu realmente essa ideia e como ela está se articulando.

SR. LUIZ AFONSO ALENCASTRE ESCOSTEGUY: Boa tarde, o meu nome é Luiz Afonso Alencastre Escosteguy. Complicado, né? Sou servidor público, trabalho no como administrador no Ministério Público. Essa situação, na verdade, ela ainda não foi até bem incorporada, pois quando eu digo que eu sou um idoso que não entende o que é ser idoso, isso é uma verdade, porque a gente é carimbado quando chega nos sessenta anos com esse carimbinho na testa: idoso. Por isso até essa palavra a gente tem que começar a evitar. E a gente não percebe isso. Eu falo até para os mais jovens presentes aqui, que chegarão um dia nessa situação, que é muito difícil a gente se perceber na idade que tem, principalmente hoje em dia, porque o mundo está tão agitado e tão moderno, digamos assim, em termos de acesso, para que a gente tenha tudo, porque a gente não vê realmente aquela ideia que se tinha antigamente, eu me lembro do meus pais com quarenta, cinquenta anos, eles pareciam velhos realmente. Hoje não. Hoje, modéstia à parte, se vocês olharem para mim não dão os oitenta anos que eu tenho. Quer dizer... Não tenho, é brincadeira. Enfim, a gente não se dá

conta de que o tempo vai passando, que a idade vai sendo um fator significativo até que as pessoas começam a realmente a te colocar essa pecha de idoso na testa. “Quantos anos tu tens?”, “Ah, eu tenho sessenta e um” – idoso! Quando começou a questão da enchente, eu tive alguma experiência de acompanhar uma família com uma pessoa idosa, moradora lá da Vila Farrapos, numa situação bastante dramática. Como eu sempre digo que eu botei o pé no barro literalmente indo lá e depois acompanhando – hoje mesmo eu estava conversando com eles ainda – e a gente começa a perceber a dificuldade das pessoas – não só em função da idade, mas também em função da idade –, a gente começa a perceber que isso existe realmente, que a idade acaba influenciando as pessoas e, mais ainda, aquelas pessoas de uma condição de vida não tão boa, digamos, como a minha e que necessitavam... Vocês imaginem a senhora de seus 75 anos que saía às 2h da madrugada de sábado, de barco, tendo dificuldade de mobilidade – até hoje ela vive numa cama –, relatando o susto que ela passou com aquelas águas balançando, o medo de que aquela coisa virasse e aquilo foi muito impactante. Pela primeira vez, eu devo confessar, eu comecei a pensar e a ver que existe essa questão da idade, da pessoa idosa, do idoso, como a gente ainda chama, comecei a pesquisar, comecei a olhar o assunto, tinha escrito sobre isso, sobre esse relato que eu dei para vocês eu acabei escrevendo um texto, que fez parte do primeiro livro – do Perdi Tudo, e Agora? – e, ao começar a estudar esse assunto, eu vi que a ONU havia instituído, de 2021 a 2030, a chamada Década do Envelhecimento Saudável e conclamou que a Organização Mundial da Saúde e a Organização Pan-Americana da Saúde criassem uma campanha mundial contra o idadismo – e também me chamou atenção, como ainda chama atenção de muita gente, por que idadismo, né? –, e, dentro dessa campanha da ONU, da Organização Mundial da Saúde, eles criaram um relatório chamado Relatório de Combate ao Idadismo. Dentre as diversas situações e ações que eles propugnavam, das três principais que eles propugnavam, a terceira era que a sociedade deveria criar movimentos que combatessem o idadismo. Foi daí que me surgiu a ideia então de criar o Movimento Sociedade sem Idadismo. Como eu havia sido convidado

pela Elenara para participar do livro, e o e o Adeli aceitou prontamente, nós fizemos depois uma reunião, onde eu apresentei essa ideia de por que a gente não cria esse Movimento Sociedade sem Idadismo, para que a gente, junto com essa campanha da Organização Mundial da Saúde, comece a combater essa questão do idadismo. E por que idadismo e não etarismo, como a Elenara já havia começado a falar? Porque se eu perguntar para qualquer um de vocês aqui o que é etarismo, com toda certeza, todos vão dizer: preconceito contra idosos. Essa expressão preconceito contra idosos tem um sério problema, porque ela é limitante e excludente. Porque quando eu estou falando idoso – como eu disse, idoso é um carimbo que se bota na pessoa, tão somente em função da sua idade... E nós já tivemos inclusive uma alteração na legislação brasileira. A partir de 2022, toda legislação brasileira deve refletir a expressão pessoa idosa e não mais idoso – nós não temos mais o Estatuto do Idoso, nós temos o Estatuto da Pessoa Idosa, e assim por diante –, e por que isso? Porque eu tiro o carimbo de idade da pessoa, que a palavra idoso tem, e trago o foco para pessoa idosa, ou seja, o foco está em pessoa, e isso permite que a gente veja as pessoas, os seres humanos da nossa frente em toda sua complexidade, em toda sua diversidade. Nós temos aqui, estou enxergando vários, pelo menos quatro eu estou enxergando, que já ultrapassaram essa idade. Eu, o Adeli, o Ver. Pedro Ruas, a Zhélide somos pessoas absolutamente diferentes, no entanto, todos nós somos chamados de idosos. Então, essa mudança é muito importante. A segunda questão é a palavra preconceito. Preconceito também é uma palavra que, se vocês forem lembrar, quando alguém pergunta o que é preconceito, a maioria das pessoas separa essa palavra em pré-conceito, dando a entender de que nós teríamos conceitos formados anteriormente. Na realidade, não é. Esses conceitos que nós temos são os estereótipos que a gente forma. Preconceito é o sentimento que se origina a partir desses estereótipos que nós criamos já a partir da infância inclusive. E a partir daí, nós partimos então para as ações baseadas nesses sentimentos, que são os preconceitos, que é a discriminação. E, no seu caso mais complexo, são as violências contra as pessoas principalmente contra as pessoas idosas. Então o conceito de idadismo abarca

essas três concepções, é, ao mesmo tempo, estereótipo, preconceito e discriminação. E isso nos permite ações muito mais amplas, porque eu posso fazer ações – e são as três ações que a organização mundial da saúde preconiza – que são as ações com relação ao que eles chamam de intervenções educacionais, em que nós podemos atuar já nas escolas, nas famílias com relação à formação dos estereótipos. Evitar que os estereótipos negativos sejam formados, e daí a consequência de não se formarem os preconceitos. Nós podemos atuar nos preconceitos e nós podemos atuar nas discriminações e fazer as chamadas intervenções intergeracionais, que são a aproximação das pessoas. Quando eu falo simplesmente etarismo – e eu o resumo em preconceito contra idosos – eu estou excluindo – por isso eu disse que é excludente – a possibilidade de tratar dos estereótipos, que é a origem de tudo. É quando eu digo:” Minha filhinha, vamos lá visitar a vovó, mas olha cuidado que a vovó está doentinha, não pode correr não pode brincar, não vai pular em cima dela”. Eu estou influenciando uma criança de 4, 5 anos com uma ideia a respeito de idosos, de que idoso é frágil, idoso não sei mais.... Essa criança, mais tarde, vai começar a desenvolver um preconceito, que é o sentimento, por exemplo, de pena. Vai ficar com pena da vovó, pena do vovô, e assim por diante. Se ela não tiver uma boa educação mais tarde ela vai se tornar uma pessoa violenta contra os idosos.

Neste ano saiu uma publicação de uma pesquisa feita na Universidade Federal Fluminense – pasmem – 72% de 408 mil registros de violência contra pessoas idosas no Brasil, 72% são praticados por filhos e filhas. Onde é que surge essa violência? Lá na educação dos estereótipos. Por isso a importância de a gente ter muito claro que eu posso atuar em cima dos estereótipos, ter ações em cima dos preconceitos e ter ações em cima das discriminações. Então esse idadismo tem esse conceito muito mais amplo que vai permitir com que nós – pelo menos essa ideia do Movimento Sociedade Sem Idadismo – é se traduzir em ações que combatam os estereótipos negativos, os preconceitos, os sentimentos negativos que acabem resultando em não termos tantas discriminações.

E o segundo ponto importante é: como etarismo é o preconceito contra idosos, eu estou excluindo os jovens. E idadismo não, o idadismo inclui os jovens porque nós sabemos, na nossa sociedade e agora, na comemoração do Dia Mundial da Juventude, a ONU publicou um artigo referindo-se a Portugal, mas isso acontece no mundo inteiro, em que 40% dos jovens relataram sofrer idadismo no mercado de trabalho. A dificuldade que a nossa juventude tem de conseguir boas colocações, de conseguir ... Por quê? “Ah, tu não tens experiência, tu és muito jovem, tu não estudaste o suficiente ainda”. Então o idadismo amplia o nosso leque de possibilidades de trabalhar a questão, que a simples palavra etarismo não nos possibilita.

Essa é a ideia então do nosso movimento, de poder criar ações que façam, na questão educação das escolas –e talvez em famílias, não sei –, na questão do próprio preconceito e na questão da discriminação. Claro que é uma situação, é um movimento de uma mudança cultural, que é uma mudança de longo tempo, mas ela precisa ser iniciada. Porque nós vamos pensar assim: por que nós temos hoje... Vejam bem, nós temos a questão que está na pauta, está no palco da nossa sociedade, que é a questão do racismo, por quê? Porque lá atrás o movimento negro se mexeu, foi criado o movimento negro, que começou lá na década de 1940 com o Teatro Experimental do Negro. Depois, tivemos o movimento negro nacional, lá em São Paulo, que trouxe isso para a discussão da sociedade. Por que a questão do feminismo veio para a sociedade? E a questão do machismo? Porque, também nas décadas de 1960 e 1970, as mulheres trouxeram isso para a sociedade. Nós tivemos a mesma situação em relação às questões de gênero que hoje estão na pauta da sociedade. Temos também as questões indígenas que estão na pauta da sociedade, mas nós não estamos falando sobre a questão do idadismo, ou do preconceito em relação à idade, tanto de jovens quanto de pessoas idosas.

A ideia do movimento é trazer, de alguma maneira, isso para a pauta da sociedade, para que a gente possa discutir abertamente. Já há bastante gente falando e discutindo, trazendo junto o pessoal de medicina, da geriatria, da gerontologia e, principalmente, uma coisa que nós precisamos, que também é

um dos tripés que a ONU preconiza: as chamadas ações de políticas públicas. E não só a política pública no sentido de ter ali a lei ou de ter um conselho para bonito, ou como se dizia desde os anos 1850: “Para inglês ver.” Não, nós temos que ter uma efetiva cobrança das políticas públicas para que as pessoas que são as mais necessitadas realmente tenham isso, porque nós temos que ser bem francos: só 10% da nossa população de idosos hoje teria plenas condições de levar uma vida tranquila e digna. Aliás, é para essa população que a tal da economia prateada está voltada. E o resto? E o pessoal lá da Vila Farrapos? E o pessoal do Sarandí? E o pessoal do Lami? E as pessoas que não estão tendo condições? Como essas políticas públicas estão sendo levadas a efeito para que essas pessoas possam ter um mínimo de condições, vamos dizer, dignas de vida, de bons atendimentos de saúde, de uma série de outras circunstâncias, com convivências?

Então, também as questões de políticas públicas voltadas para a questão da idade jovens e pessoas idosas. Porque pensem bem: qual é a faixa etária que mais pratica nessa situação? É exatamente quem está entre os 30 e 55 anos, por aí. Quem está com trinta e poucos anos já conseguiu a sua estabilidade num trabalho; ele não quer mais ser confundido com jovem, ele quer distância do jovem, porque o jovem é sinônimo de quem não tem experiência, é o júnior. Então, ele também começa a recusar, a discriminar o jovem dentro do seu ambiente de trabalho. Depois, com o passar do tempo, ao se aproximar dos 50, 55 anos, ele começa a desenvolver uma coisa muito sutil, que poucas pessoas descobrem: o que se chama de gerontofobia, que é o medo da velhice. E aí ele começa a desenvolver ações, discriminações, em relação às pessoas idosas. Por quê? Porque ele sabe que vai ser um deles; assim, ele refuga, ele desenvolve essas situações.

Portanto, nós temos que ter um trabalho muito grande, porque o preconceito e, principalmente, a discriminação ocorrem nessa faixa dos 30 aos 55 anos. E essa é uma das ações em que a gente também pretende atuar. Eu peço desculpas por falar muito, mas, enfim, muito obrigado.

PRESIDENTE ADELI SELL (PT): Obrigado. Antes de passar para a Zhélide, passo a palavra para o Ver. Pedro Ruas.

VEREADOR PEDRO RUAS (PSOL): Uma mera observação. Quero ouvir a Zhélide, evidentemente, mas, quando o Escosteguy menciona, há uma coincidência em relação à violência praticada por filhos. O Código Penal já prevê alguns agravantes. Eu tenho um filho mais velho que é promotor no interior; estive com ele agora no final de semana, fui ver meus netos. Há um movimento no meio do Ministério Público nacional para um projeto de lei que aumente as penas praticadas contra idosos, pessoas idosas, perdão, quando o autor da violência é filho. Então, esse é um dado importante que o MP já se debruça, porque é uma estatística que conhecem. Apesar de que ele não me deu o número exato, mas agora eu tenho, e de fato tem uma lógica, porque não é possível a própria, digamos assim, a própria definição do feminicídio envolve muito a condição do parentesco como agravante no feminicídio. Então, nós temos que ter, e aqui conluo. Há um movimento nacional, acho que essa pauta é extensa, nós temos que ter uma condição... Cumprimento o Ver. Adeli Sell pela oportunidade, da mesma maneira a Ver.^a Fernanda, o Ver. Alvoní, presidente, nós temos a oportunidade de desenvolver um tema que, de fato, é em parte uma preocupação nacional e deveria ser muito mais, mas já não é só nossa. Obrigado.

PRESIDENTE ADELI SELL (PT): A Ver.^a Biga Pereira está com a palavra.

VEREADORA BIGA PEREIRA (PCdoB): Boa tarde, colegas vereadores e vereadoras...

VEREADOR PEDRO RUAS (PSOL): Desculpa, eu não falei na Ver.^a Biga Pereira. Desculpa.

VEREADORA BIGA PEREIRA (PCdoB): Tudo bem. Os nossos convidados nos trazem elementos importantes para este debate. Por vezes, de fato, se falava em etarismo. Hoje, surge essa concepção que amplia mais a visão do idadismo, e tem ageísmo ainda, que fala das mais diversas etapas da vida do ser humano. Eu tenho levantado muito aqui na Câmara esse debate relacionado à questão das pessoas mais velhas. Porto Alegre, hoje, configura como a capital com o maior número de pessoas com uma longevidade maior. Isso é muito positivo. Isso significa que nós conseguimos envelhecer sem morrer jovens. Isso é maravilhoso, mas, ao mesmo tempo, levanta a necessidade de um debate mais profundo sobre os estereótipos e sobre a necessidade de políticas públicas de verdade. Porque aí envolve a infraestrutura de uma cidade, tu não podes pensar numa pessoa mais velha só do ponto de vista da doença ou do entretenimento. Nós vivemos num sistema capitalista que o que importa é a idade produtiva. É isso, e por isso a discriminação de quem é jovem, porque não está no mercado de trabalho produzindo, e nem quem já é velho, que também não produz mais e, portanto, não gera mais riqueza. E não se pode extrair mais valia de jovens e de... É simples o raciocínio, porque não é uma questão ideológica, é uma questão que é real do sistema, gente. É simples, é isso! Sobre isso, como se enfrentar? Porque o fato é que, hoje, nós temos mais pessoas velhas no mercado de trabalho com condição, inclusive, de exercer e de produzir. Está provado isso. Tanto consegue produzir do ponto de vista intelectual, cognitivo, como do ponto de vista da força física. Porque é isso que você falou, outrora com 50 anos era velho, hoje não, hoje tu tens um envelhecimento mais saudável. Felizmente, a medicina avançou, e a gente consegue também se atentar para a necessidade de nos cuidarmos enquanto jovens para termos uma velhice também mais saudável. Então, eu acho que é importante, sim, Adeli, esse debate que tu trazes, e os convidados nos alimentam com números, inclusive com concepção de como, especialmente, Porto Alegre pode exercer esse protagonismo de uma cidade que clama para que esse debate seja feito, na medida em que... Bom, como assim, Porto Alegre é o que reúne maior número de pessoas velhas? Então, nós temos que nos atentar para isso. Eu acho

bacana, eu acho que a comissão tem, inclusive, como tirar elementos e encaminhamentos a partir desta reunião que nós estamos tendo aqui. Por último, Adeli, eu preciso registrar aqui, como uma comissão de direitos humanos, eu gostaria que isso fosse registrado na nossa ata. Eu proponho, inclusive, que a gente manifeste, enquanto comissão, uma moção de solidariedade à nossa ex-vereadora, hoje deputada estadual, Bruna Rodrigues. A Bruna sofreu, ontem, uma ameaça de morte e ameaça de estupro à sua filha, por *e-mail*, de uma pessoa que se intitula, se denomina Anderson Rocha, que a ataca frontalmente, racismo – Bruna é negra, sua filha negra –, e ataca exatamente, porque os negros ousaram assumir espaços que outrora eram 100% de brancos. Então a branquitude está também revoltada com isso. A Bruna sofre isso, ontem, e está tomando todas as providências, obviamente, legais inclusive. Como é um direito humano que você nos traz, inclusive a questão do racismo, eu proponho que essa comissão se manifeste, porque é inadmissível o ataque a uma menina, como a Camile, com a ameaça de estupro, e a Bruna, com ameaça de morte. É isso, muito obrigada. Parabéns.

VEREADOR PEDRO RUAS (PSOL): Obrigado, Biga. Registro a presença da Ver.^a Cláudia, que nos engrandece nesse papo. Vou passar imediatamente a palavra para Zhélide Quevedo Hunter. A Zhélide recebeu, na semana passada aqui, graças ao colega presidente da comissão, o Título de Cidadã de Porto Alegre, e para nós é uma alegria muito grande tê-la aqui, pelo vosso conhecimento acumulado nos seus 84 anos de vida e fazendo Mestrado de Gerontologia. Eu fui o mais feliz de todos por tê-la nesse livro que nós ajudamos a organizar, isso nos envaidece demais.

SRA. ZHÉLIDE QUEVEDO HUNTER: Muito boa tarde, sou Zhélide Quevedo Hunter: Quevedo, por parte do meu pai; e Hunter, por parte da minha mãe. Sou, de nascimento, uruguaia, e, de opção, brasileira, com muito orgulho, e mais ainda agora, cidadã porto-alegrense.

Essa questão que leva três nomes, três ou quatro que a gente pode chamar de idadismo, etarismo, ageísmo, advêm de anti-idade, que nós podemos sentir que seriam, assim, os alicerces de uma visão desse envelhecimento. Eles são os estereótipos, o preconceito e a discriminação. Esse estereótipo vem a partir de uma ideia de que tal pessoa é, assim... superestima as características que o idoso tem que usar bengala.... Eu tenho usado bengala, mas não é por ser idosa, senão pelo problema de coluna mesmo. Esse estereótipo vai influenciando desde a criança: “Olha, vamos olhar para aquele velhinho...” A denominação velhinho não é com uma conotação carinhosa; é pejorativa, com certeza. Depois esse preconceito se adere a esse estereótipo, que é uma forma de pensamento, e vai criando e recriando ao longo do tempo até tu chegares, assim, aos 30, 40 anos e entrar numa faixa dizendo, bom, eu já estou deixando de ser jovem para ser uma pessoa madura, mas não assumir nunca que se envelheceu. Isso é bem claro. Eu tenho uma lembrança, e quero referir um fato que me aconteceu quando eu fui fazer vestibular para psicologia: eu estava com 40 anos, com certeza, foi uma decisão minha, muito especial, no sentido de dizer o que eu vou seguir sendo depois que me aposentar. Aposentei com 47 anos, como professora no Estado, e aí fui fazer aquele tal malfadado exame; antes de poder fazer vestibular, tinha que ser aprovada nesse outro tipo de exame que definia tuas características, se tu tinhas condições de ser psicóloga, se tu tinhas tendências, se a tua personalidade se adequava, *etc.* e tal. Essa era uma forma, realmente, de eliminar os candidatos, porque essa entrevista já era o primeiro grande obstáculo que definia: “Olha, essa aqui, eu não fui com a cara dela, então, essa não; essa aqui é muito jovem, tem cara de maconheira; aquele tem isso...” Esses conceitos e preconceitos eram bem reais. Eu lembro que uma prima minha, de 30 e poucos anos, fez esse exame e não passou. E ela me disse: “Eu não passei pela idade.” Eu disse: não passaste pela idade, como? Bom, quando chegou a minha vez, a professora que fez a minha entrevista, ela olhou a minha ficha e disse: “Mil novecentos e trinta e nove”. Eu sou nascida em 1939, naquela época eu estava com 40 anos. E eu disse: sim, 40 anos. Eu me adiantei ao comentário, porque ela só disse: “Mil novecentos e trinta e nove”. A conotação

desse 1939, eu não sei se era pela idade ou qual era a intenção dela, só que eu me adiantei e disse para ela: “Sim, eu estou com 40 anos, por quê? Eu estou fazendo este exame porque eu vou ter ainda mais 40 anos pela frente, no mínimo, para desenvolver uma carreira, uma profissão com maturidade, coisa que essa gente, essa turminha que está se formando ou que vai entrar na psicologia, com 16, 17 anos... Nada contra a inteligência, a capacidade desses jovens, mas maturidade eles não têm ainda para serem psicólogos, e eles se formam com 22, 23 anos, também, muitos deles, bem carentes de maturidade, porque maturidade eu denomino como sinônimo de experiência de vida, de conceito, de entender o que é a vida. Aí ela riu, a professora que fez a pergunta, e disse assim: “Tu te adiantaste.” Eu disse: “Não, eu estou lhe dizendo que eu ainda vou ter mais...” Eu não sabia que ia ter hoje 44 anos a mais na formação. Mas ela disse: “Está bom, parabéns, estás aprovada.” Quer dizer, ela não me fez mais perguntas, com aquela resposta eu me adiantei à pergunta dela e consegui realmente mostrar para ela que eu era uma pessoa que realmente queria ser uma psicóloga e que eu tinha maturidade para isso. E graças a Deus, logo... Ela se encontrou comigo como professora em sala de aula, e ela entrou na sala de aula me olhou e disse assim: “Ah, a menina da maturidade.” Bom, e como disse uma das colegas que deu um depoimento no dia, que eu fui vista na sala de aula – todos os meus colegas eram meninas de 16, 17 e 18 anos, e eu, com 40 anos – como uma senhora. Pensavam: deve ser muito chata, maniática, mãe maniática, com três filhos adolescentes. E foi tudo ao contrário, eu demonstrei para eles que realmente eu era uma pessoa, apesar dos 40 anos, madura, mas com o pensamento jovem e atualíssimo, me atualizando sempre. Bom, então isso aí foi uma parte de todo esse edifício que se cria, que se levanta em relação à questão da idade. E finalmente essa discriminação, que me aconteceu aos 50 anos, quando eu decidi fazer mestrado na UFRGS: eu fiz toda a prova, eu tinha certeza de que eu tinha escrito muito bem sobre o tema, era um tema que eu dominava bem, era um questionário, e as perguntas que eu tinha respondido eram corretas, estavam certas, e eu não fui aprovada. E aí eu fui questionar com um dos colegas, que foi meu professor na faculdade e que

fazia parte daquela banca, e aí ele me disse o seguinte: “Zhélide, a tua idade, na verdade, foi empecilho. Por quê? Porque a UFRGS não iria investir num ensino gracioso, gratuito, de mestrado, numa pessoa com 50 anos que teria pouco tempo para devolver, para fazer retorno disso aí.” Então, foi uma grande frustração que me levou justamente, mais uma vez, a pensar a questão da idade, que realmente era algo a ser lutado e trabalhado muito, com muito, muito domínio, com muita segurança, para poder realmente eliminar esse preconceito. Aí, fazendo esse capítulo do nosso livro, *Metamorfose da Vida*, ali eu explico mais ou menos essas diferenças. Eu gostaria que os colegas, meninas, meninos, rapazes e moças que estão aqui presente, garotos e garotas, lessem um pouco e entendesse a mensagem, o que representa isso, o que representa essa mudança e essa entrada de uma vida, que eu chamo de envelhescência, eu denomino de envelhescência esse período após os 50 anos. Existem três momentos importantíssimos, que nós temos que defender, dentro desse movimento, que são os efeitos negativos dessa questão da idade. Há um efeito cultural, há um efeito institucional e há um efeito interpessoal. Eu vou começar pelo efeito cultural: justamente ligado à parte econômica que é a inclusão no mercado de trabalho, isso é cultural. Quem diz que alguém de 50, 60 anos não tem a capacidade de dirigir ou de estar à frente de um determinado trabalho pela sua experiência de vida, com certeza, institucional, eu diria que isso é criticar um pouco a política, porque ele é pouco trabalhado na política, é pouco trabalhado! Eu tenho ouvido algumas pessoas dizendo que aquele candidato já é velho demais, que aquela candidata já é... Já está mais para lá do que para cá, o que que ela quer fazer? Então isso aí é institucional, isso é uma forma de tu deixares de lado a *expertise*, a inteligência e a capacidade que aquela pessoa pode compartilhar com as pessoas mais jovens. Então, essa identificação política é importante que a gente considere. E, finalmente, é interpessoal; bom o efeito interpessoal é mais doloroso, porque é a que faz acontece de pessoa a pessoa, inclusive a própria pessoa, às vezes, se autodiscrimina, dizendo: “Eu não tenho condições, eu não vou entrar, eu não vou entrar nessa competição porque têm pessoas mais jovens, pessoas mais inteligentes, mais capazes.” Não, eu tenho

capacidade, eu acredito em mim, eu acredito, Isso foi uma parte talvez de toda uma caminhada de 80 anos pensando assim: “Como que eu vou deixar de lado toda vivência que eu tenho, toda a história que eu tenho atrás de mim.” E aí batalhar pelo reconhecimento, digamos assim, pelo compartilhamento dessa sabedoria que não deixa de ser, é que nós temos que pensar nesse interpessoal, que é o limite do aprendizado e a participação. Ontem, ouvindo – não sei se vocês assistiram entrevista ao Prêmio Nobel de economia? – um dos premiados no Prêmio Nobel de economia disse algo muito importante, quando ele se ligava à questão da idade, que a economia não é formatada somente para pessoas jovens, a economia é para todo mundo, todo ser humano – todo ser humano –, e que a participação é uma das questões mais importantes da nossa atuação, a participação! Quando ele disse isso eu refleti: meu Deus, toda essa gente que deixou de votar, por exemplo, pela idade. Eu conheço gente que disse assim: “Eu não vou lutar, não vou votar mais porque a minha idade me permite não votar. Sim, a idade te permite não votar, mas não quer dizer que isso não te permita participar e ter direito a criticar, porque eu só vou ter direito a criticar o que não está certo na política, no governo ou na direção de alguma entidade, alguma coisa assim, se eu não participo, se eu não digo “aqui estou eu”, “a minha opinião é esta aqui”. Então esse compartilhamento, digamos assim, das ações, do que acontece no social, é algo muito próprio a todo ser humano; e nós temos que ter essa convicção, entrar nessa história, e não nos omitir. Eu coloquei um pensamento no final do meu capítulo, no nosso livro, *Metamorfose da Vida*, que diz o seguinte... O Amyr Klink, aquele grande velejador, disse o seguinte: “O pior pecado é o da omissão”, porque tudo pode ser feito, pode ser realizado, à medida que a gente queira desenvolver aquilo, à medida que a gente queira fazer aquilo. Então, quando tu te omites, tu estás dizendo assim: “Ah, não é minha responsabilidade”. Tu moras no Município, tu estás dentro de um País e não tem responsabilidade para com os teus semelhantes; pelo menos com a tua família, no mínimo com a tua família, quanto mais com os teus semelhantes, quanto mais com os teus vizinhos e com a comunidade a qual tu pertences. Então eu penso que essa inclusão, esse participar dentro do social é uma das grandes batalhas

que nós vamos ter pela frente. Eu até pensei, ontem, conversando com um grupo de amigos, e eles me disseram: “Zhélide, faz uma *live* convidando as pessoas a virem votar, pessoas da tua idade”. Eu disse que sim, eu vou fazer, eu vou fazer, porque, na verdade, não interessa em quem tu vais votar, o que importa é que tu participes, que tu escolhas, que tu exerças o teu direito de escolher. Isso é um direito que se tem. Eu tenho o direito de dizer: “Olha, não gosto do Fulano, mas gosto do sicrano” ou “não gosto dos dois”, mas eu tenho que escolher um, porque esse um que eu não escolher poderá ser totalmente negativo, poderá ser muito ruim para o futuro da minha cidade, para o futuro do meu bairro, quem sabe até para o meu próprio futuro. Estão entendendo? Então a gente tem que ter essa concepção da vida, essa ideia da vida, de compartilhamento, gente. Até o último instante da minha vida, eu vou sempre estar participando, sempre. Eu quero, sim, e mostrando para outras pessoas que isso é possível, que isso está dentro da nossa capacidade intelectual. Eu tenho, é claro, as minhas limitações físicas, estou com problema, com artrose no joelho e sei lá o que, mas a minha cabeça, gente, continua muito bem, obrigada; os meus pensamentos, muito bem, obrigada. Então, a partir daí é que nós estamos engajados nessa luta para dizer para todos: podemos, todos podemos desenvolver atividades, podemos colaborar, podemos dizer “sim” à vida, porque a vida é algo que cabe a todos, dada por Deus. Então, é isso.

PRESIDENTE ADELI SELL (PT): Obrigado, Zhélide, obrigado mesmo. Pessoal, eu vou passar agora para a Fernanda, que pediu inscrição, mas eu acho que eu posso adiantar, pelas pessoas que falaram, pelas conversas que a gente está tendo, que, no ano que vem, a Cláudia, o Pedro e a Fernanda vão estar aqui. Independentemente de posições políticas e ideológicas, eu acho que nós somos parte de um movimento, a gente vai sempre colaborar com esta Casa. Também vou pedir que, assim que nós tivermos as notas taquigráficas, nos passem, porque esse movimento tem um *site*, vai ser colocado. Eu acho que nós deveríamos mandar também para os sindicatos, que eu acho que hoje a grande questão são os sindicatos – alguns já têm até um grupo, algum diretor que cuida

dessa questão, mas muitos ainda não têm. Então quero colocar isso aqui e passar à Fernanda, de imediato, para fazer a sua fala; depois, a quem mais quiser falar.

VEREADORA FERNANDA BARTH (PL): Obrigada, Ver. Adeli, lastimo muito a sua não presença ano que vem aqui, bem como a do Ver. Alvoni, é uma perda tremenda para a Casa. E essa pauta é importantíssima, eu vejo já há algum tempo e comecei a analisar isso, exatamente, sem ser de uma forma preconceituosa ou ideológica, mas no aspecto econômico, porque a falta de políticas públicas para a população sessenta mais, ela vai ser gravíssima nos nossos próximos anos, porque o Rio Grande do Sul é o estado que nós temos a pirâmide mais invertida do Brasil inteiro. E enquanto nós temos muita qualidade de vida para essa população em várias cidades no interior do estado, nas grandes cidades é ao contrário, porque nós não temos acessibilidade, nós não temos mobilidade, nós não temos sequer espaços de lazer. Eu acrescento o seguinte: eu conheço muitas pessoas que não foram votar, não é por que não precisavam mais participar, mas é porque não existe um olhar do Poder Público, esfera federal, Tribunal Regional Eleitoral; não existe nenhum olhar que diga que as pessoas que estão nessa parte da população – nem PCD, que é outro público –, tenham preferência de votação no térreo. Então, eu tenho amigos que disseram: olha, só eu não vou, porque eu tenho que subir dois, três andares de escada, porque eu chego lá e tenho que esperar na fila e ninguém deixa passar. E essa questão de tu não ter acesso a espaços de votação no andar térreo, devia ser uma coisa natural: a minha sessão é lá no terceiro andar, mas eu não posso mais subir escada, não tem elevador, então eu gostaria de votar aqui embaixo – não pode. Então tu vais criando uma série de obstáculos desnecessários, onde tu acabas estrangendo uma parte da população a não participar mais, e isso é muito sério. E esse público, sessenta mais, em todos os lugares do mundo onde se tem um olhar diferenciado de respeito, consideração e valorização se sabe que é um público que move tremendamente o setor de turismo, o setor gastronômico, o setor de lazer. São as pessoas que estão no que se chama “a

melhor idade”, não tem mais a obrigação de estar trabalhando, tem tempo livre, disponível. Então assim, está caindo de maduro, vou usar aqui um termo bem oportuno, de que se faça essas políticas pensando em não ter segregação de nenhum tipo, mas ter sim a criação de políticas públicas que tratem todas essas faixas etárias de igual forma. E isso vocês podem contar comigo como uma aliada, eu vejo que na área da saúde nós não temos. Deveríamos ter um posto de saúde, uma área da saúde estritamente ligada a questões para esse público, para que as pessoas não precisem ficar esperando, para que tenha um atendimento 24 horas, porque tu tens que ter as políticas diferenciadas para cada faixa etária. Na área da mobilidade, acessibilidade, a nossa cidade é um caos, e isso é uma das coisas que eu debato muito com o prefeito Melo, que a gente precisa ter um projeto. Tudo que a gente tentou até hoje nos últimos cinco seis governos, em relação às calçadas da cidade, foi um uma desgraça. E não adianta deixar as calçadas ao cuidado das pessoas que são as proprietárias do condomínio, da casa, não adianta porque tu não podes ter uma calçada diferente a cada dez metros de quadra. Tu tens que ter uma calçada padronizada, onde eu possa andar de olhos fechados, sem tropeçar numa raiz de árvore, num buraco, numa poça. Essa é outra questão que nós já tratamos aqui numa reunião da Comissão, mas precisa ter continuidade. E na área de oportunidades que a gente tem aí, não só oportunidades de carreira, de estudo, que a gente tenha concursos públicos pensando no conhecimento extra que essa população tem, tanto na área de docência como na área de produção de conteúdo de diversos tipos. Então essa criação de espaços também de convívio dentro dos nossos Cecores e os espaços de convivência que tem nas comunidades e nos bairros. Por que a gente não tem? Isso é uma coisa que também já vem de muito tempo o debate, mas não existe na cidade espaços de convívio onde tu possas ter uma creche comunitária e junto um espaço de convívio com a terceira idade para que as pessoas possam ter essa troca. Muitas vezes as pessoas acabam ficando numa solidão, sem ter contato com outras pessoas, e, se tu tens essas oportunidades de convívio nesses espaços de convivência, a gente vê que isso existe muito na Europa, em muitos países, isso existe na China, isso existe no

Japão, esses países que têm uma tradição de valorização e preservação do público 60+. Tem um projeto, que começou agora esse ano, na Associação Comercial de Porto Alegre, que é o projeto 60+, que ele faz um chamamento para todos aqueles empreendedores que já não estão no mercado, mas que gostariam de voltar a contribuir, para que eles voltem a contribuir como conselheiros sêniores em empresas que precisam se reestruturar. Isso é muito legal. A gente podia ter mais oportunidades como essas.

E, por fim, eu coloco aqui a questão da previdência, que é das que mais me preocupa. Por quê? Porque desde que lá atrás, no governo Fernando Henrique, teve a separação do reajuste da aposentadoria, do reajuste do salário mínimo, nós vemos um decréscimo na qualidade de vida da população aposentada e um decréscimo em todos os sentidos do poder aquisitivo, da qualidade de saúde. Por quê? Porque as pessoas estão vivendo com muito menos recurso do que elas deveriam. E eu acho que está mais do que na hora de nós termos uma volta a esse debate; é uma questão nacional, eu entendo, mas a pressão nacional começa na base, começa nas cidades, e se a gente tiver uma pressão nacional nesse sentido, porque não tem cabimento que o reajuste dos aposentados tenha sofrido isso lá atrás e que até hoje se tenha, a cada dia que passa, menor poder aquisitivo, e a gente não tem nenhuma política de sustentabilidade para a nossa previdência hoje em dia, porque cada vez entra menos gente no mercado de trabalho, e a gente, com essa pirâmide invertida, então a gente está vendo a crônica de uma morte anunciada. O Estado do Rio Grande do Sul já tem um problema de previdência gravíssimo, e esse problema vai ser agravado nos próximos anos. Eu acho que cabe a nós, que estamos na política, trazermos esse debate para a agenda e tentarmos antecipar políticas nesse sentido, porque senão nós vamos ter uma crise, vai ser um caos nesse sentido. Nós não vamos ter como pagar todos os aposentados, porque, hoje, a base que está entrando é muito menor do que a base que nós temos para remunerar. Então era isso que eu gostaria de deixar aqui. Parabéns ao Adeli por trazer esse tema. Aqui, na própria Câmara de Vereadores, a gente tem dificuldade de acessibilidade, a gente tem aí vários prédios públicos que até hoje não tem condições de acesso,

de mobilidade, e aí é para todas as pessoas que têm essas questões, e que tenhamos mais cadeiras disponíveis, mais espaços disponíveis, e um olhar mais gentil, porque a coisa que a gente mais vê é ônibus ou trem lotado, por exemplo, Trensurb lotado, um monte de gurizada sentado, e o 60+ de pé esperando um espaço para sentar. Então é tudo uma questão de educação, de cultura, que já vem da escola, de ensinar a respeitar, é uma questão de família, de hierarquia, de amor, de convívio, que só pode ser melhorada se houver amor envolvido e prática. Obrigada.

PRESIDENTE ADELI SELL (PT): Vou passar a palavra para a Ver.^a Cláudia Araújo, depois para os nossos visitantes, começando com a Zhélide.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Boa tarde, cumprimentar o Ver. Adeli, os vereadores da mesa: Alvoni Medina, Pedro Ruas e Fernanda Barth; os convidados, as pessoas que nos assistem. Fiz questão de estar aqui hoje na CEDECONDH para falar sobre esse tema que eu acho que é tão importante né, e a gente não pode só falar, a gente tem que fazer acontecer, porque falar qualquer um fala né, a gente tem que ver na prática realmente as coisas acontecendo. E eu tenho trabalhado muito essas questões, inclusive eu tinha um projeto na Câmara que foi rejeitado na CCJ que era o projeto de 60+ para que nós tivéssemos, infelizmente, cotas nas empresas, para que tivesse a obrigatoriedade de contratar pessoas 60+, porque são as pessoas mais experientes e que acabam ficando de lado, desconsideradas, como a senhora mesmo disse né. “Ah, essa já é velha, esse já não serve mais, esse já não pode mais fazer nada.” E não é verdade. Que a gente tivesse... porque, infelizmente, no Brasil, as coisas só funcionam na base da cota, então a gente precisava ter as cotas para que a gente pudesse ter a oportunidade, e não passou na CCJ. Vamos ver se agora, na próxima gestão, recolocamos esse projeto para trazer novamente, para discutir sobre isso, porque isso é importante. As grandes empresas têm que contratar, têm que ter uma cota de pessoas 60+ para trabalhar. Quando a Ver.^a Fernanda falou, nós temos dois centros de referência

de idoso em Porto Alegre, nós deveríamos ter no mínimo quatro: na Zona Norte, Sul, Leste, Oeste pelo menos. Nós temos dois que atendem um pouco, o mínimo da população, que é muito maior do que isso que a gente precisa. E os centros comunitários poderiam servir como base; hoje, nós temos muitos centros comunitários inativos, com pouca ocupação e que poderiam estar servindo como base para oficinas, para dança, para tanta coisa boa voltada ao lazer, principalmente da terceira idade. Então, eu sou a favor e quero trabalhar muito essa questão agora, na próxima gestão, também com relação aos centros comunitários para a gente ocupar. Eu tenho um projeto ativo que é a Banca do Esporte na Redenção, e a gente leva o PIAFI – Programa de Incentivo à Atividade Física para Idosos. O PIAFI é um projeto federal constituído pela PUC, que oferece o espaço e os professores e, num espaço de dois anos, tem mais de 500 idosos que fazem dança, que fazem atividade física. Eles vão à Banca do Esporte para dançar um domingo por mês e amam fazer isso, porque é uma atividade ao ar livre, uma coisa gostosa de fazer. Então que nós tenhamos mais atividades como essa, que a gente possa oportunizar através de políticas públicas também mais lazer, porque não adianta dizer que a gente é uma cidade turística, que a gente quer trazer o turismo para cá, que quer melhorar as condições, se a gente não tem – como diz a Ver.^a Fernanda – acessibilidade, não tem política de verdade para a terceira idade. Então, temos que priorizar. E a saúde do idoso, fundamental a fala, a gente sabe que todos são tratados da mesma forma. E não pode ser assim, temos que priorizar os idosos. Estamos no mês... dia 1º de outubro, comemoramos o Dia do Idoso, então a gente tem que falar sobre a terceira idade, falar sobre os idosos, falar sobre a melhor idade, falar do jeito que a gente quiser falar, desde que a gente valorize, oportunize e transforme essa realidade que é tão cruel em uma coisa agradável para a nossa população. Muito obrigada.

PRESIDENTE ADELI SELL (PT): Obrigado. Algum dos vereadores quer falar antes dos nossos... (Pausa.) Então, vamos começar com a Zhélide, com as suas considerações finais. Depois, vamos fazer o caminho inverso que fizemos agora.

SRA. ZHÉLIDE QUEVEDO HUNTER: Eu quero citar aqui como algo muito importante um projeto que está acontecendo em Blumenau. Eu participei desse projeto há um mês, e que a origem vem da associação a qual eu pertenço que é a Associação Nacional de Gerontologia, a ANG. Esse projeto se chama De Guru para Guri. Guru somos nós, os mais idosos, e guri são as crianças e os adolescentes, e se trabalha essa intergeracionalidade entre a pessoa idosa e as escolas. Eu participei de dois momentos, encontros com duas escolas lá de Blumenau e foi excelente, porque, em primeiro lugar, a gente falou alguma coisa do que fez na vida, e eles ficaram encantados: “Mas como essa pessoa fez tanta coisa, fez isso, fez aquilo”. Quer dizer, eu e mais três empresários da cidade de Blumenau participamos. Gente, é maravilhoso. Depois vem a pergunta: o que eles estão pensando sobre isto? E isto é a forma de um aprendizado que vai entrar pela emocionalidade, porque de qualquer forma a nossa fala foi tão impactante, tão boa que, quando eu saí, era uma fila enorme de alunos que queriam me abraçar e me beijar, e não era aquela coisa do tipo que diríamos: pobrezinha da velhinha. Não, eles diziam assim: quando eu chegar à sua idade, quero ser como a senhora. *Virei pop star*, com certeza, gente, lindo! Então esse projeto está sendo encampado pela Secretaria de Educação de Blumenau e do Estado de Santa Catarina, eu tenho a cópia desse projeto, nós podemos trabalhar aqui também com certeza. É muito bom. Exatamente, e pela palavra guri, que também é um termo nosso aqui gaúcho. Aliás, quem criou foi uma colega que é de Santo Ângelo, me parece, e ela mora lá em Florianópolis e forma a parte da ANG. Bom, esse projeto, como essas cotas, a origem está no Estatuto do Idoso, no artigo 28 e 29, que falam sobre a responsabilidade das empresas de proporcionarem um programa de preparação para a aposentadoria. Eu estou com um trabalho que se chama Travessia, que fiz para a minha faculdade, para o meu curso do mestrado em gerontologia, que se chama Travessia. Por quê? Porque esse espaço entre nós sairmos do trabalho, tipo trabalhar 30, 40 anos dentro de uma atividade e aposentarmos, e se não tiver nenhum projeto, nenhum programa, nada a fazer depois, com certeza isso vai criar uma situação de

grandes problemas muito sérios de depressão, de falta de sentido, inclusive alcoolismo, enfim. Aliás eu estou falando de um trabalho na Brigada Militar, aqui para o nosso Estado, onde também está acontecendo isso, de pessoas que se aposentam e que antes tinham poder. O brigadiano tinha autoridade, e aí eles saem dessa autoridade, acabam com essa autoridade e eles desaparecem, eles já não são mais pessoas importantes na comunidade, já não têm aquela autoridade. Então aí entram os fatores que vão levar à depressão e talvez até a perda de vida. Então nós temos a oportunidade de mudar todo esse panorama, gente, temos elementos para fazer isso. É vontade de unir nossas forças, é essa a minha contribuição.

VEREADOR PEDRO RUAS (PSOL): Muito breve, Escosteguy, são duas situações brevíssimas e um encaminhamento que não se relaciona com as duas. A primeira, eu fui vereador desta Casa, a primeira vez, aos 29 nove anos, e hoje eu tenho 68 e eu me sinto muito melhor vereador aos 68 do que aos 29. É um dado interessante só para reflexão. O segundo dado é que eu fui, no ano passado, no III Congresso Mundial de Direitos Humanos, em Buenos Aires, e a palestra mais escutada, difícil de entrar inclusive, era do brasileiro Jair Krischke, que tem 84 anos também, a mesma idade da Zhélide. Um encaminhamento que não se relaciona com as histórias é o seguinte: eu estava lembrando que nos *shoppings*, via de regra, e aqui me lembrei das colocações do Luiz Afonso, acho que a Elenara também falou nisso antes, vocês podem observar que aquela vaga do idoso aparece uma pessoa do sexo masculino com uma mão assim tipo com dor nas costas, uma bengalinha e curvada.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Já foi cortada.

VEREADOR PEDRO RUAS (PSOL): Foi e não foi, está ali, exatamente, ou até 60+, que é o ideal ou até pessoa idosa, entende? Pessoa idosa. É horrível, terrível, que aquele rei é o próprio estereótipo na sua forma mais brutal. A gente tem que ter uma ter um olhar – eu aprendi isso hoje, aqui – em relação às

crianças. Eu estava com meu netinho mais novo, que tem cinco anos, neste final de semana, eu e ele conversando, ele pegou uma vitamina e disse assim: “Quer um, vô?”. Eu digo: “Obrigado...” Ele disse: “Isso é bom para criança, é bom para adulto e é bom para velho”. Aí eu peguei: “Bom, se é bom para velho, então vou pegar”. Há uma ideia de como se constroem essas coisas desde a tenra idade e de como é que a gente, depois, de uma certa forma, consegue alterar, aí sim, culturalmente. Muito obrigado.

SR. LUIZ AFONSO ALENCASTRE ESCOSTEGUY: Bem rápido, eu só gostaria, primeiro, de agradecer a oportunidade que a Casa nos deu, falar que a gente tem noção de que um movimento como este é um movimento de longo prazo, difícil, porque não se muda a cultura de uma sociedade, mesmo individualmente, de uma hora para a outra, é muito complicado, mudar as palavras é complicado, a gente brinca, eu corrijo, às vezes, quando a gente mesmo usa “idoso”. Claro que não tem nenhum problema continuar usando “idoso”, é uma questão de concepção que a gente está mudando e força pela palavra. Então cada vez que a gente diz: “Olha, é ‘pessoa idosa’, não é ‘idoso’.”, não é o sentido da correção é no sentido da mudança de uma perspectiva, de mudar um estereótipo, de o netinho não dizer “é bom para velho” – carinhosamente ele falou. O que a gente espera – e aí eu sei que tanto a Zhélide, o Adeli, a Elenara e todos os já quase 50 membros do nosso movimento esperam – é contar com o apoio aqui da nossa Câmara sempre que necessário, que talvez vocês também divulguem, não só abracem a ideia, porque já abraçaram, a gente viu, pela fala de vocês, mas que a gente possa contar sempre com apoio da Câmara para poder criar os nossos projetos, como nós estamos criando, inclusive agora o De Guru para Guri, vamos colocar em prática. Que a gente possa isso: construir uma mudança na sociedade e principalmente mudar aqueles que estão sentados lá para aquele lado, os jovens que, talvez daqui a 20 anos, ou 30, para alguns, estarão sentados aqui defendendo alguma situação. A gente tem que se dar conta disso: em 2070 nós teremos a maior população brasileira de idosos. Há tempos que vem sendo avisado, e não quero assustá-los, mas daqui a 30 anos vocês serão pessoas

idosas. Está perto, 30 anos é muito rápido! Vamos começar a agir agora para mudar.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. LUIZ AFONSO ALENCASTRE ESCOSTEGUY: Vamos, porque nós vamos estar aqui! Muito obrigado, agradeço de coração a vocês.

PRESIDENTE ADELI SELL (PT): Antes de passar para a Elenara, o André está aqui, a Escola do Legislativo Julieta Battistiolli já abriu uma conversa sobre isso, em que um dos temas – porque nós estamos naquele período em que nós decidimos, os vereadores – é o processo de reconstrução, a gente viu inclusive por um escrito, vários escritos desse Perdi Tudo, e Agora? exatamente essa questão da pessoa idosa. Então nós estamos levantando essa questão. Elenara, por favor.

SRA. ELENARA STEIN LEITÃO: Eu quero agradecer realmente a oportunidade, e eu quero enfatizar, porque eu sou arquiteta, tenho mestrado em satisfação do cliente, e tenho uma preocupação muito grande com a questão da prevenção e da mobilidade urbana. Aí eu quero parabenizar a vereadora, porque realmente existe uma questão básica de mobilidade que garante autonomia para as pessoas, porque o que a gente pretende? Que as pessoas, de todas as idades, tenham autonomia a maior parte do tempo, principalmente para as pessoas idosas prevenir quedas pode significar a diferença entre imobilidade ou mesmo óbito. Então cuidar de calçadas urbanas é algo fundamental, porque, qualquer classe social, as pessoas vão reclamar que as calçadas estão ruins. Eu me lembro que, em 2005, era a gestão do Cássia Carpes como secretário, eu fiz um seminário sobre calçadas urbanas, e não vejo tanta diferença. Hoje, quando eu saí de manhã, eu vi, com uma chuva pequena que teve, a gente tem os acessos, onde teoricamente as pessoas cadeirantes ou com problemas de mobilidade podem ir, esses acessos estavam completamente alagados, porque

não tem... Naqueles locais, onde as pessoas ficam, para os ônibus ou para se locomover com mais facilidade, não tem escoamento. São coisas teoricamente simples e que resolvem muito a vida das pessoas. Então, assim, uma cidade que tenha mobilidade para pessoas idosas e para mulheres é uma cidade segura e com dignidade de vida para todas as idades. Então eu acho que deve ser uma preocupação muito grande e gostaria de agradecer, e a gente sabe que a luta contra o preconceito é uma luta diária, inclusive, com a gente mesmo, porque a gente acaba reproduzindo esses preconceitos no dia a dia. O dia que eu fui votar, eu coloquei o dedo e ele demorou e aí eu me vi dizendo assim: “Eu já estou na idade em que a impressão digital já não funciona”. E, quando eu disse isso, eu me dei conta de que, gente, eu estou fazendo um preconceito contra mim mesma, eu que estou estudando esse tema, eu que estou dentro do movimento. E, realmente, a luta é diária para a gente desconstruir os preconceitos que foram colocados na gente, e a educação nas crianças que é um projeto que tem que começar agora para a gente ter um resultado para daqui a uns anos. Então, muito obrigada e, quanto mais pessoas se unirem ao movimento e trabalharem com isso, eu acho que a gente vai ter maior pressão para que as coisas aconteçam. Mobilidade urbana e acessibilidade são lei. É lei, calçadas têm que seguir, órgãos de qualquer público, edifícios, eles têm que seguir, eles têm que ter... E todos os pictóricos aqueles, do homenzinho de bengala – já mudou! Isso tem que ser mudado! Esses dias, uma amiga colocou e disse assim: “a Câmara de Vereadores não mudou ainda”. Então eu acho que tem que começar, de repente, por esta Casa. Obrigada.

PRESIDENTE ADELI SELL (PT): Eu queria agradecer aos colegas, em especial, ao Alvoni, que nos dirige nesta comissão; aos colegas que aqui permanecem, a Fernanda e o Pedro, e também à Cláudia, que hoje é visitante nesta comissão. Meu carinho especialíssimo à Zhélide, que sempre nos dá esse empurrão para a frente, à Elenara e ao Afonso, que nós temos parte desse movimento do Metamorfose da Vida. Agora sai o segundo volume: A Arte de Envelhecer. Vai ter uma atividade, um lançamento na Feira do Livro de Porto

Alegre, dia 10 de novembro, às 14h, e nós continuamos portanto nessa batalha, e agora também o Movimento Sociedade Sem Idadismo vai se transformar numa instituição, que possa agir mais e melhor. Como eu já disse anteriormente, eu acho que falo por todos aqui, neste ano e no ano que vem, com a nossa presença aqui ou não, nós estamos sempre à disposição. Obrigado, Alvoni. (Palmas.)

PRESIDENTE ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS): Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião, lembrando que este mês, como bem lembrou, tem o Dia Internacional – e nacional – das Pessoas Idosas, da nossa faixa etária. Deus abençoe a todos e uma boa tarde.

(Encerra-se a reunião às 15h19min.)

TEXTO SEM REVISÃO